



“Viu, sentiu compaixão e cuidou dele” Um lema e uma encíclica

“Saw, feel compassion and care for him”
A motto and an encyclical

*Rosana Manzini**

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Recebido em: 16/10/2020. Aprovado em: 11/11/2020.

Resumo: *Esta pesquisa procura refletir a relação existente entre o lema da Campanha da Fraternidade 2020 da CNBB e a encíclica Fratelli Tutti do Papa Francisco, a partir do texto inspirador dos dois documentos, a Parábola do Bom Samaritano. A partir da parábola e das atitudes de seus personagens, constata-se os resultados perversos de um sistema econômico que exclui, mata grande parte da humanidade. Um capitalismo feroz que interfere nas relações e no modo de pensar, apostando sua vitória num individualismo egoísta. As ações dos personagens são nossas ações. É evidente o flagelo provocado pela cultura da indiferença e do descarte. O autor do texto evoca um compromisso solidário e uma mudança de estilo de vida com sabor de Evangelho. Comprometer-se significa mudar rota indo ao encontro, tocar as feridas e resgatar sua dignidade.*

Palavras-chave: *Humanismo. Solidariedade. Compromisso.*

Abstract: *This research seeks to reflect the relationship between the motto of the CNBB Fraternity 2020 Campaign and Pope Francis' encyclical Fratelli Tutti, based on the inspiring text of the two documents, the Parable of the Good Samaritan. From the parable and the attitudes of its characters, one can see the perverse results of an economic system that excludes, kills much of humanity. A fierce capitalism that interferes with relationships and the way of thinking, betting its victory on selfish individualism. The actions of the characters are our actions. The scourge caused by the culture of indifference and discard*

* Mestra em Teologia (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, São Paulo, SP, 2009). Mestra em Teologia (Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, São Paulo, SP, 1995). Graduada em Teologia (Faculdade Dehoniana, Taubaté, SP, 2011). Graduada em Filosofia (Universidade do Sagrado Coração, Bauru, SP, 1999). Graduada em Teologia, Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, São Paulo, SP, 1991).

E-mail: rosana.manzini@gmail.com





is evident. The authors of the texts evoke a commitment to solidarity and a change of lifestyle with a taste of the Gospel. To commit means to change the route by going to meet, to touch the wounds and to rescue their dignity.

Keywords: *Humanism. Solidarity. Commitment.*

1 Introdução

Vós não trabalhais com ideias, mas com realidades [...]. Tendes os pés na lama e as mãos na carne. O vosso cheiro é de bairro, de povo, de luta! Queremos que a vossa voz seja ouvida, a qual, normalmente, é pouco escutada. Talvez porque incomoda, talvez porque o vosso grito incomoda, talvez porque se tem medo da mudança que vós pretendeis, mas sem a vossa presença, sem ir realmente às periferias, as boas propostas e os projetos que muitas vezes ouvimos nas conferências internacionais permaneçam no reino das ideias. (Papa Francisco)¹

Este texto abordando o lema da Campanha da Fraternidade 2020 da CNBB, “Viu, sentiu compaixão e cuidou dele”, estava praticamente finalizado quando o Papa Francisco publica a sua nova encíclica social *FRATELLI TUTTI*² (FT). O lema da Campanha da Fraternidade de 2020 Fraternidade e Vida³ (CF) tem o mesmo texto inspirador da nova encíclica, portanto este artigo teve que ser revisto, reescrito agora tendo presente esse extraordinário texto papal. Sem dúvida não existe a pretensão de que, em tão pouco tempo de sua publicação, possamos fazer uma análise profunda de toda encíclica, mas podemos colocar as primeiras impressões e intuições que sua leitura provoca.

Até o momento presente podemos constatar as inúmeras tentativas de repensar as regras de convivência de uma sociedade justa e democrática, que fosse embasada sobre uma plataforma de valores compartilhados, seja no âmbito do mundo laico como no mundo cristão. “Durante décadas,

¹ Papa Francisco no Encontro Mundial dos Movimentos Populares em Roma, outubro de 2014 Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/october/documents/papa-francesco_20141028_incontro-mondiale-movimenti-popolari.html.

² FRANCISCO. *Encíclica Fratelli Tutti*, 03 de outubro 2020. Assis. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html.

³ CNBB. *Campanha da Fraternidade 2020: Fraternidade e Vida*. Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/cnbb-oferece-as-comunidades-texto-base-da-campanha-da-fraternidade-2020/>.



pareceu que o mundo tinha aprendido com tantas guerras e fracassos e, lentamente, ia caminhando para variadas formas de integração” (FT10).

Apesar de tantas iniciativas e tentativas o que se constata é que efetivamente uma grande parte da humanidade se encontra em condições de negação da própria dignidade. A humanidade sempre buscou a liberdade e com ela a construção de uma sociedade de relações justas, mas acabamos por construir muitas vezes o contrário, uma sociedade de relações iníquas. Papa Francisco relata isso de modo extremamente claro e duro:

Mas a história dá sinais de regressão. Reacendem-se conflitos anacrônicos que se consideravam superados, ressurgem nacionalismos fechados, exacerbados, ressentidos e agressivos. Em vários países, uma certa noção de unidade do povo e da nação, penetrada por diferentes ideologias, cria novas formas de egoísmo e de perda do sentido social mascaradas por uma suposta defesa dos interesses nacionais. Isto lembra-nos que «cada geração deve fazer suas as lutas e as conquistas das gerações anteriores e levá-las a metas ainda mais altas. É o caminho. O bem, como aliás o amor, a justiça e a solidariedade não se alcançam duma vez para sempre; hão de ser conquistados cada dia. Não é possível contentar-se com o que já se obteve no passado nem instalar-se a gozá-lo como se esta situação nos levasse a ignorar que muitos dos nossos irmãos ainda sofrem situações de injustiça que nos interpelam a todos».⁴ (FT 11)

O sistema neoliberal que domina nosso planeta se inspira em uma certa filosofia da liberdade, que se coloca contrária a qualquer norma de controle ou mesmo de regulamentação relacionada com indivíduos ou comunidades⁵. Dessa forma tudo vai se tornando mercadoria. Fomos nos tornando produto. Os bens públicos vão sendo privatizados. Com isso os serviços essenciais necessários para o desenvolvimento de toda pessoa como saúde, educação, água, terra, vão sendo controlados e comercializados se tornando bens particulares daqueles que determinam e comandam a economia mundial.

Essa apropriação do Bem Comum, essa apropriação daquilo que é necessário para que cada pessoa e todas as pessoas possam desenvolver-se integralmente em dignidade, é muito mais profundo do quanto querem

⁴ FRANCISCO. *Discurso no encontro com as autoridades, a sociedade civil e o corpo diplomático*, (Santiago – Chile 16 de janeiro de 2018): AAS 110 (2018), 256.

⁵ MEJIA, J. *Temi di Dottrina sociale della Chiesa*. Pontificio Consiglio della Giustizia e Pace. Libreria Editrice Vaticana, 1996. p. 19.



nos fazer crer, porque não se trata exclusivamente de apropriar-se de “coisas”, mas sim de tomar posse da essência daquilo que torna cada ser único. Isso se constata pela apropriação da cultura, da religião, de tudo aquilo que nos caracteriza, seja como unicidade de pessoa, como a pertença de um povo com suas próprias características.

O individualismo, base do neoliberalismo, vai se impondo nas relações pessoais e coletivas. O outro se torna invisível, portanto, a presença do outro não mais suscita apelo à colaboração, mas sim desejo de instrumentalização. Tornamo-nos uma multidão anônima, sem rosto, raízes ou futuro⁶.

Assim, a sociedade vai “assimilando” que o importante é tudo o que se relaciona com o Bem Privado e, já não importa se o Bem Comum é destruído desde que os interesses próprios sejam contemplados. Perde-se o sentido de pertença ao todo, o que vale é o bem-estar das partes.

Em vários países, uma certa noção de unidade do povo e da nação, penetrada por diferentes ideologias, cria formas de egoísmo e de perda do sentido social mascaradas por uma suposta defesa dos interesses nacionais (FT 11).

Essa é a realidade do nosso tempo, e como resultado nos encontramos em um rico mundo empobrecido. O escândalo de milhões de miseráveis, onde vem negada a dignidade humana, nos seus apelos mais básicos, afronta, ou deveria afrontar as consciências daqueles que se encontram do outro lado.

Os conflitos locais e o desinteresse pelo bem comum são instrumentalizados pela economia global para impor um modelo cultural único. Esta cultura unifica o mundo, mas divide as pessoas e as nações, porque «a sociedade cada vez mais globalizada torna-nos vizinhos, mas não nos faz irmãos». Encontramo-nos mais sozinhos do que nunca neste mundo massificado, que privilegia os interesses individuais e debilita a dimensão comunitária da existência. Em contrapartida, aumentam os mercados, onde as pessoas desempenham funções de consumidores ou de espectadores. (FT 12)

O que antes provocava o que poderíamos chamar de uma ética da indignação, hoje cai como o “absurdo inevitável”. A miséria infligida é entendida como uma fatalidade. Estamos todos envolvidos dentro deste

⁶ NEUTZLING, I. Por um Milênio sem exclusões. In: Revista *Encontros Teológicos*, n. 27.



processo desumanizador. A globalização de cunho neoliberal nos tomou e deformou a própria consciência. Mesmo nos posicionando contrariamente aos frutos que ela produz, na verdade nos encontramos vivendo, paradoxalmente, a mesma realidade. Desejamos e ansiamos o que com lucidez deveríamos rejeitar. A ambiguidade desse sistema provoca leituras distintas que determinam comportamentos igualmente distintos. Os valores foram relativizados em função de um estilo de vida determinado pela “sociedade de consumo”.

Todos nos encontramos dentro de um processo de desumanização, que perversamente vai nos retirando a sensibilidade de reação. Nos “acostumamos” em saber, em ver miséria e injustiça. Lamentamos, sim, lamentamos toda essa triste realidade, porém acabamos por “aceitar”, por conviver com o “inevitável”.

2 “... Chegou onde ele estava e, quando o viu...”⁷

Tanto a Campanha da Fraternidade 2020, como a encíclica *Fratelli Tutti*, tem o mesmo texto tirado do Evangelho a parábola do Bom Samaritano. De certa forma a CF antecipa a encíclica social de Francisco.

Na Parábola do Bom Samaritano encontramos, no início do texto, um doutor da lei que pergunta a Jesus sobre o que ele devia fazer para ganhar a vida eterna. Jesus responde com outra pergunta: *Que está escrito na lei? Como é que lêis?* Deparamo-nos com uma grande inquietação. O modo como lemos o texto sagrado poderá ou não nos conduzir a um modo de agir que correspondam às exigências reais do seguimento levando a construção do Reino. O lugar teológico de onde possamos responder à interrogação feita por Jesus determinará nossa resposta. A questão que nos inquieta teologicamente neste episódio e em toda a vida de Jesus é que ele não anunciou a si mesmo, mas ao Reino. É claro que concordamos que o Reino se identifica com a sua pessoa, porém a dinâmica deste anúncio passa pela alteridade, pela relacionalidade, pela solidariedade. Esta é a grande intuição de Francisco e a CF também seguiu esse viés.

No relato da parábola surge um outro questionamento: por que somente o Samaritano vai ao encontro daquela pessoa caída à margem da estrada? O que ele VIU que os outros dois, sacerdote e levita, não viram a ponto de seguirem adiante?

⁷ Lc 10,33.



Sigo a reflexão da teóloga Emilce Cuda⁸, argentina, que faz uma análise extremamente inquietante. Poderíamos primeiramente pensar em quem eram os assaltantes que derrubaram aquele homem com tantas pancadas a ponto de parecer um semimorto caído por terra. Hoje esses assaltantes teriam muitos nomes: capitalismo financeiro, políticos corruptos, as inúmeras máfias, essa economia que mata etc. Sobre isso Francisco vem denunciando em seus documentos e em suas diversas falas, porém segundo Cuda, na FT o papa não se detém apenas em dizer quem são os assaltantes, o passo agora é maior. Não devemos nos deter nos assaltantes, já os conhecemos. O passo agora é ocupar-se do corpo caído, do corpo que ninguém quer ver, do corpo chagado e isso tem a relação direta com a dignidade humana. Esses corpos, dentro do sistema em que vivemos, tem pouco ou quase nenhum valor.

Como VER esse corpo se estamos dentro de uma cultura do descarte, como ver esses tantos corpos que vagueiam por nossas ruas invisíveis, corpos que sofrem marcados pela indiferença? Só VIU e só VÊ, quem foi e vai ao encontro dele!

Mudar o rumo, sair do caminho da mesmice, da sua “rota” planejada. E ir ao encontro do corpo pressupõem mudança, pressupõem conversão.

3 “... Ficou tomado de compaixão...”⁹

O texto inspirador do bom Samaritano coloca em xeque a nossa posição diante do outro, os mais violentados de todos. Nunca foi tão vital pensar em solidariedade quando tratamos de resgate da dignidade humana e conseqüentemente na transformação da sociedade e sua tomada de consciência. Sem dúvida, sabemos que cabe ao Estado, em sua organização, através de políticas públicas, fazer valer efetivamente os direitos sociais, mas também sabemos que é necessária uma mudança individual de atitude, de mentalidade, de estilo de vida.

Toda ação solidária resulta de uma ética de indignação diante de toda forma de uma desigualdade fruto da injustiça que destrói pessoas e o planeta¹⁰.

⁸ IMDOSOC. *Live sobre a encíclica Fratelli Tutti* em 9 out. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uKvbV1Ky2nw>.

⁹ Lc 10,33.

¹⁰ BUXARRAIS, M. R. *Educar para la solidaridad*. Disponível em: <http://www.oei.es/historico/valores2/boletin8.htm>.



A solidariedade é uma atitude, uma disposição apreendida onde encontramos três componentes: cognitivo, afetivo e comportamental. Assim, o conhecimento que uma pessoa possui é suficiente para sustentar a atitude acompanhada do componente afetivo – o fundamental – e o comportamental que seria o aspecto revitalizador da mesma forma, o exemplo ou os ensinamentos ou recomendações dos outros influenciam nossas atitudes, mas o contato direto com o objeto é um fator de fundamental importância na sua formação.

Dessa forma, podemos classificar a solidariedade como uma virtude em relação aos pobres, pois ela é defendida como o valor que leva a nos unirmos a outros grupos ideais que buscam o reconhecimento da justiça e da vida e compartilham suas próprias necessidades e destino. Há uma compreensão, pela vida vivida, de que a solidariedade se torna um complemento à justiça.

Ser solidário vai além da realização da injustiça, mas entendemos que implica ternura, que cria vínculos afetivos: a fidelidade do amigo, a compreensão do abusado, o apoio aos perseguidos, o compromisso com causas impopulares ou perdidas, tudo isso pode não constituir dever de justiça, mas é um dever de solidariedade. Encontramos em tantas pessoas os componentes essenciais, que são a solidariedade ativa: compaixão, reconhecimento e universalidade¹¹.

- 1) Compaixão: porque a solidariedade é um sentimento que determina ou guia a forma como a realidade humana e social é vista e tratada, condiciona sua perspectiva e horizonte. Significa ver coisas e outros com os olhos do coração, olhando de forma diferente. Implica um sentimento de fraternidade, de se sentir afetado na pele pelos sofrimentos de outros que também são dele.
- 2) Reconhecimento: nem toda compaixão gera solidariedade, apenas aquela que reconhece o outro em sua dignidade como pessoa. A solidariedade tem uma face, a presença da outra exige uma resposta.
- 3) Universalidade: “A nudez do rosto”, a falta de moradia e a miséria é toda a humanidade e simbolizam a condição de pobreza da esfera íntima e privada. Não se trata apenas de compaixão pelos males e sofrimentos dos outros, a solidariedade com os

¹¹ BUXARRAIS, M. R. *Educar para la solidaridad*. Disponível em: <http://www.oei.es/historico/valores2/boletin8.htm>.



pobres se estende aos níveis públicos. A esfera pública é decisiva nas condições de pobreza geradas. Entendemos isso pela casa, vivemos todos, ou melhor, quase todos, em uma casa, nós e a casa nos confundimos, nos integramos, portanto, no cuidado dos pobres percebemos a casa maior, a Casa Comum, nosso planeta que sofre a mesma destruição que tantas casas comuns.

Mas revela-nos uma característica essencial do ser humano, frequentemente esquecida: fomos criados para a plenitude, que só se alcança no amor. Viver indiferentes à dor não é uma opção possível; não podemos deixar ninguém caído «nas margens da vida». Isto deve indignar-nos de tal maneira que nos faça descer da nossa serenidade alterando-nos com o sofrimento humano. Isto é dignidade. (FT 68)

4 “... Enfaixou suas feridas, ... E dele cuidou”¹²

Qual o compromisso que resulta de ir ao encontro dos corpos caídos, o compromisso de cuidar. Um cuidado que não termina com as ações imediatas, mas um cuidar que vai além. O samaritano depois de cuidar no mesmo local das feridas abertas aliviando de imediato as dores, compromete seu tempo, coloca-o em sua montaria e o leva a uma hospedaria; compromete suas finanças quando paga ao hospedeiro para que o chagado tivesse o lugar para se curar em dignidade e, não dando por findada sua missão, ele diz que voltaria; compromete o nosso modo de ser e viver. A hospedaria sempre foi um meu questionamento do texto, e uma vez um teólogo uruguaio (que lamentavelmente não me recordo o nome), disse que poderíamos pensar a hospedaria como o Estado, ou seja o Estado tem também, que por razão de ser, fazer com que seus cidadãos tenham acesso ao Bem Comum, ou seja, todas aquelas condições necessárias para que possam se desenvolver integralmente. Poderíamos também pensar que o dinheiro pago, sejam nossos impostos, destinados às políticas públicas que possibilitem a todos vida digna. Mas, o samaritano não se limitou a levar aquela vítima e pagar, ele volta para verificar se o objetivo foi cumprido. Talvez isso nos leve a pensar de modo diferente nosso compromisso com a Política verdadeira. Participamos, verificamos se o Bem Comum foi alcançado?

¹² Lc 10,34.



CUIDAR significa COMPROMETER-SE. Francisco indica a estrada: ser instrumentos de Deus para a libertação e promoção dos pobres, de modo a que estes se possam integrar plenamente na sociedade. Isto implica que sejamos dóceis e que estejamos atentos a escutar o clamor do pobre e a socorrê-lo. E se isto é assim, então fazer ouvidos surdos a esse clamor, quando nós deveríamos ser os instrumentos de Deus para escutar o pobre, situa-nos fora da vontade do Pai e do seu projeto (cf. EG 187).

Que exigências decorrem do escutar o clamor dos pobres? Jesus di-lo claramente em Mc 6,37: “Dai-lhe vós mesmos de comer!”, o que implica – diz o Papa – tanto a cooperação para resolver as causas estruturais da pobreza e para promover o desenvolvimento integral dos pobres, como os gestos mais simples e quotidianos de solidariedade perante as misérias concretas que encontramos (EG 188).

O Papa mostrou muitas vezes a relação que existe entre a fé cristã e os pobres. Aqui insiste: “É uma mensagem tão clara, tão direta, tão simples e eloquente que nenhuma hermenêutica eclesial tem o direito de relativizar.” (EG 194). Francisco afirma que, no contexto social do individualismo que se contagia na Igreja, este critério é de grande atualidade e que “nunca deve faltar: a opção pelos últimos, por aqueles que a sociedade descarta e lança fora.” (EG 195).

Toda a Igreja deve renovar seu compromisso com os pobres e com a justiça. Um apelo do Papa Francisco aos leigos: ninguém pode sentir-se exonerado da preocupação pelos pobres e pela justiça social e deve ser através da fraternidade e da amizade

A pessoa tem que ser o centro de toda e qualquer instituição e de todas as possíveis atividades que empreendamos. Bento XVI embasa este princípio:

E reconhecemos que eram fundadas as preocupações da Igreja acerca das capacidades do homem meramente tecnológico conseguir impor-se objetivos realistas e saber gerir, sempre adequadamente, os instrumentos à sua disposição. O lucro é útil se, como meio, for orientado para um fim que lhe indique o sentido e o modo como o produzir e utilizar. O objetivo exclusivo de lucro, quando mal produzido e sem ter como fim último o bem comum, arrisca-se a destruir riqueza e criar pobreza. [...] A complexidade e gravidade da situação econômica atual preocupa-nos, com toda a justiça, mas devemos assumir com realismo, confiança e esperança as novas responsabilidades a que nos chama o cenário de um mundo que tem necessidade duma renovação cultural profunda e da redescoberta de



valores fundamentais para construir sobre eles um futuro melhor. A crise obriga-nos a projetar de novo o nosso caminho, a impor-nos regras novas e encontrar novas formas de empenhamento, a apostar em experiências positivas e rejeitar as negativas. Assim, a crise torna-se ocasião de discernimento e elaboração de nova planificação. Com esta chave, feita mais de confiança que resignação, convém enfrentar as dificuldades da hora atual.¹³

A humanidade vive uma gravíssima crise e diante dela o resgate da dignidade humana de cada um e de todos é o centro dos dois documentos. Cuidar dos corpos, resgatar sua dignidade significa em primeiro momento vencer a cultura da indiferença instalada num modo de viver que privilegia o privado, fruto de um egoísmo atroz e tantas vezes disfarçado de boa conduta. Cuidar dos corpos significa reconhecer esses corpos como vítimas de um sistema que desune, que nos faz perder a identidade de humanos. Cuidar dos corpos significa tocar suas chagas, ter compaixão.

Tudo isso nos remete a um compromisso inadiável. A ninguém é permitido ficar ao largo da história a ser construída. É necessário que nos posicionemos, que tomemos nosso lugar e ajamos nas diversas formas possíveis, principalmente através da Política. E esta já nos foi ensinada que é uma expressão por excelência da caridade cristã.

A Política permite, através de nossa real participação, de cuidarmos dos corpos que estão longe através de políticas públicas que devem resgatar sua dignidade.

Saber VER a realidade, não nos deixarmos enganar e iludir-nos por mentiras que calam nossas consciências. Entender que temos um destino comum, como humanidade.

Hoje, há cada vez mais feridos. A inclusão ou exclusão da pessoa que sofre na margem da estrada define todos os projetos econômicos, políticos, sociais e religiosos. Dia a dia enfrentamos a opção de ser bons samaritanos ou viandantes indiferentes que passam ao largo. E se estendermos o olhar à totalidade da nossa história e ao mundo no seu conjunto, reconheceremos que todos somos, ou fomos, como estas personagens: todos temos algo do ferido, do salteador, daqueles que passam ao largo e do bom samaritano. (FT 69)

Francisco propõe uma nova forma de vida com sabor de Evangelho. Mudar de “rota”, como o samaritano fez. Dar sabor de Amor!

¹³ BENTO XVI. *Caritas in Veritate*, 21.



5 Conclusão

Cada dia é-nos oferecida uma nova oportunidade, uma etapa nova. Não devemos esperar tudo daqueles que nos governam; seria infantil. Gozamos dum espaço de corresponsabilidade capaz de iniciar e gerar novos processos e transformações. Sejamos parte ativa na reabilitação e apoio das sociedades feridas. Hoje temos à nossa frente a grande ocasião de expressar o nosso ser irmãos, de ser outros bons samaritanos que tomam sobre si a dor dos fracassos, em vez de fomentar ódios e ressentimentos. Como o viandante ocasional da nossa história, é preciso apenas o desejo gratuito, puro e simples de ser povo, de ser constantes e incansáveis no compromisso de incluir, integrar, levantar quem está caído; embora muitas vezes nos vejamos imersos e condenados a repetir a lógica dos violentos, de quantos nutrem ambições só para si mesmos, espalhando confusão e mentira. Deixemos que outros continuem a pensar na política ou na economia para os seus jogos de poder. Alimentemos o que é bom, e coloquemo-nos ao serviço do bem. (FT 77)

Concluindo, gostaria de partilhar uma intuição que tem me acompanhado nos últimos anos e que percebo estar presente na Campanha da Fraternidade 2020 e na encíclica *Fratelli Tutti*. Francisco assume o trono petrinu na festa de São José e, em sua homília ele indica a sua missão como sucessor de Pedro, mas também é como se passasse para todos nós a mesma tarefa. Eis a homília:

José fez como lhe ordenou o anjo do Senhor e recebeu sua esposa» (Mt 1,24). Nestas palavras, encerra-se já a missão que Deus confia a José: ser casto, guardião. Guardião de quem? De Maria e de Jesus, mas é uma guarda que depois se alarga à Igreja. Como realiza José esta guarda? Com discrição, com humildade, no silêncio, mas com uma presença constante e uma fidelidade total, mesmo quando não consegue entender. Como vive José a sua vocação de guardião de Maria, de Jesus, da Igreja? Numa constante atenção a Deus, aberto aos seus sinais, disponível mais ao projeto d'Ele que ao seu. E José é «guardião», porque sabe ouvir a Deus, deixa-se guiar pela sua vontade e, por isso mesmo, se mostra ainda mais sensível com as pessoas que lhe estão confiadas, sabe ler com realismo os acontecimentos, está atento àquilo que o rodeia, e toma as decisões mais sensatas

E quando o homem falha nesta responsabilidade, quando não cuidamos da criação e dos irmãos, então encontra lugar a destruição e o coração fica ressequido. Infelizmente, em cada época da história, existem



«Herodes» que tramam desígnios de morte, destroem e deturpam o rosto do homem e da mulher.

Celebramos o início do ministério do novo Bispo de Roma, Sucessor de Pedro, que inclui também um poder. É certo que Jesus Cristo deu um poder a Pedro, mas de que poder se trata? À triplice pergunta de Jesus a Pedro sobre o amor; segue-se o triplice convite: apascenta os meus cordeiros, apascenta as minhas ovelhas. Não esqueçamos jamais que o verdadeiro poder é o serviço, e que o próprio Papa, para exercer o poder, deve entrar sempre mais naquele serviço que tem o seu vértice luminoso na Cruz; deve olhar para o serviço humilde, concreto, rico de fé, de São José e, como ele, abrir os braços para guardar todo o Povo de Deus e acolher; com afeto e ternura, a humanidade inteira, especialmente os mais pobres, os mais fracos, os mais pequeninos, aqueles que Mateus descreve no Juízo final sobre a caridade: quem tem fome, sede, é estrangeiro, está nu, doente, na prisão (cf. Mt 25,31-46). Apenas aqueles que servem com amor são capazes de proteger.

Guardar Jesus com Maria, guardar a criação inteira, guardar toda a pessoa, especialmente a mais pobre, guardarmo-nos a nós mesmos: eis um serviço que o Bispo de Roma está chamado a cumprir, mas para o qual todos nós estamos chamados, fazendo resplandecer a estrela da esperança: Guardemos com amor aquilo que Deus nos deu!¹⁴

Podemos afirmar que Francisco, tem clareza da missão de ser o Guardiã, de ser aquele que cuida, que demonstra em suas escolhas e ações o cuidado por cada um e por todos, pela Casa Comum e, em especial, daqueles que se encontram como corpos caídos ao longo das estradas da vida, vítimas da indiferença que gera morte. Um Guardiã compassivo e misericordioso que chama a cada um de nós para a mesma missão que não é outra coisa do que sermos verdadeiramente discípulos e seguidores de Jesus. Sermos guardiões da vida, cuidadores dos corpos desvalidos nos lança ao compromisso pela fraternidade e a amizade social. Nos mostra que Deus não está dentro das nossas regras de justiça, mas sim na caridade. Uma compaixão que nos leva a ir ao encontro de Jesus nos pobres, nos famintos, nos refugiados, nos desesperados, no povo em situação de rua, naqueles que mais necessitam.

É hora de mover-nos, porque vimos com compaixão!

¹⁴ FRANCISCO. *Homilia de posse do trono petrino*, 19 de março de 2013. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco_20130319_omelia-inizio-pontificato.html.



Referências

BENTO XVI. *Caritas in veritate*, 2009. Disponível em: http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20090629_caritas-in-veritate.html.

BUXARRAIS, M. R. Educar para la solidaridad. Disponível em: <http://www.oei.es/historico/valores2/boletin8.htm>.

CNBB. *Campanha da Fraternidade 2020: Fraternidade e Vida*. Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/cnbb-oferece-as-comunidades-texto-base-da-campanha-da-fraternidade-2020/>.

CUDA, E. Instituto Mexicano de Doutrina Social Cristiana. *Live sobre a encíclica Fratelli Tutti*, em 9 out. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uKvbV1Ky2nw>.

FRANCISCO. *Homília Santa Missa imposição do pálio e entrega do anel do pescador para o início do ministério petrino do bispo de Roma*, 19 de março de 2013. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco_20130319_omelia-inizio-pontificato.html.

FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*, 2013. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html.

FRANCISCO. *Discurso no Encontro Mundial dos Movimentos Populares em Roma*, outubro de 2014. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/october/documents/papa-francesco_20141028_incontro-mondiale-movimenti-popolari.html.

FRANCISCO. *Encíclica Fratelli Tutti*, 3 out. 2020. Assis. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html.

FRANCISCO. *Discurso no encontro com as autoridades, a sociedade civil e o corpo diplomático*, (Santiago – Chile 16 de janeiro de 2018): AAS 110 (2018), 256.

MEJIA, J. *Temi di Dottrina Sociale della Chiesa*. Pontificio Consiglio della Giustizia e Pace. Libreria Editrice Vaticana, 1996.



NEUTZLING, I. Por um Milênio sem exclusões. *In: Revista Encontros Teológicos*. Faculdade Católica de Santa Catarina, Florianópolis, 2012, n. 27.